

Ações de prevenção ao bullying escolar no ensino fundamental: um relato de experiência em psicologia escolar/educacional

Actions to prevent school bullying in elementary school: an experience report in school/educational psychology

Acciones para prevenir el bullying escolar en educación primaria: relato de experiencia en psicología escolar/educativa

Recebido: 28/10/2022 | Revisado: 07/11/2022 | Aceitado: 09/11/2022 | Publicado: 16/11/2022

Francisco Vinicius Ferreira Gomes
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6123-5327>
Universidade Estadual da Paraíba, Brasil
E-mail: viniciusfergomes@hotmail.com

Resumo

Este artigo tem como objetivo compartilhar a experiência e o aprendizado adquirido em um projeto de extensão universitária com ênfase em Psicologia Escolar/Educacional. As ações foram realizadas em uma escola Pública Municipal da cidade de Campina Grande-PB e tiveram como público-alvo os discentes que cursavam o ensino fundamental. Durante a vigência do projeto, buscou-se promover reflexões, re(significações) e a construção de saberes sobre o bullying por meio da utilização de diferentes intervenções e metodologias. Assim sendo, relatamos neste trabalho duas intervenções aplicadas no decorrer do projeto, e em paralelo tecemos reflexões sobre o Bullying e os seus múltiplos aspectos no universo escolar do ensino fundamental.

Palavras-chave: Bullying; Psicologia escolar/educacional; Extensão universitária.

Abstract

This article aims to share the experience and learning acquired in a university extension project with an emphasis on School/Educational Psychology. The actions were broadcast in a Municipal Public School in the city of Campina Grande-PB and had as target audience the students who attended elementary school. During the construction methodology of the use of the project, we searched for re-significations on bullying meiosis of the use of different projects, re(significations) on bullying Thus, in this work we relate two interventions implemented during the project, and in parallel we weave several studies on Bullying and its aspects in the elementary school universe.

Keywords: Bullying; School/educational psychology; University extension.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo compartir la experiencia y los aprendizajes adquiridos en un proyecto de extensión universitaria con énfasis en Psicología Escolar/Educativa. Las acciones se realizaron en una Escuela Pública Municipal de la ciudad de Campina Grande-PB y tuvieron como público objetivo a los alumnos que cursaban la enseñanza fundamental. Durante la duración del proyecto se buscó promover reflexiones, resignificaciones y construcción de conocimiento sobre el bullying a través del uso de diferentes intervenciones y metodologías. Por ello, relatamos en este trabajo dos intervenciones aplicadas durante el proyecto, y paralelamente tejemos reflexiones sobre el Bullying y sus múltiples vertientes en el universo escolar de la escuela primaria.

Palabras clave: Bullying; Psicología escolar/educativa; Extensión universitaria.

1. Introdução

A instituição escolar vem servindo como cenário de situações violentas, inclusive nas relações interpessoais, as quais podem produzir efeitos negativos tanto na dimensão individual quanto na dimensão social (Santos e Kienen, 2014). Dentre as situações de violência escolar que ocorre entre pares, o mais comum é o bullying, fenômeno presente na maioria das escolas (públicas ou privadas) do mundo (Malta et al., 2014).

No Brasil, segundo a Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) de 2015, cerca de 20% dos estudantes afirmaram praticar bullying, por outro lado 8% afirmaram sofrer as agressões (Silva et al., 2019). No mesmo ano, em 6 de

novembro foi sancionada a Lei nº 13.185, que instituiu o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying) com a finalidade de prevenir e combater o bullying nas escolas e na sociedade em geral. Dessa maneira, determinou-se, dentre outras ações, a capacitação de professores e equipes pedagógicas para discutir, prevenir e solucionar o problema, assim como a realização de campanhas educativas para informar e orientar sobre o fenômeno (Brasil, 2015).

Posto isso, considerando a elevada taxa de ocorrência de casos de bullying nas escolas e considerando seus efeitos negativos para o desenvolvimento integral da pessoa, e das orientações legais sobre a promoção do combate ao bullying no cenário brasileiro, o referido fenômeno foi tomado como tema central em um projeto de extensão universitária, cujo objetivo foi oferecer espaços para a reflexão e a ressignificação das concepções e práticas que permeiam o cotidiano escolar, trabalhando especificamente o sentido de escola segundo os alunos, bem como, oportunizando espaços de ressignificação e problematização sobre o Bullying e os seus múltiplos aspectos no universo escolar.

As dimensões práticas e teóricas do projeto foram embasadas nos pressupostos da Psicologia Escolar Educacional Crítica (Meira, 2003; Marinho-Araújo & Almeida, 2010). Assim sendo, este artigo consiste em um relato de experiência que tem como objetivo relatar duas das ações desenvolvidas em um Projeto de Extensão em Psicologia Escolar/Educacional que tiveram como público-alvo alunos do ensino fundamental de uma escola pública municipal, a partir do qual teceremos reflexões sobre o bullying escolar.

2. Metodologia

De antemão, destacamos que o relato de experiência é um tipo de produção científica, que relata uma vivência acadêmica e/ou profissional cuja característica principal é a descrição da intervenção (De Freitas Mussi., 2021) em um contexto específico (Casarin & Porto, 2021). Sobre a perspectiva metodológica é uma forma de narrativa, onde o autor narra através da escrita um acontecimento vivido (Schöngut Grollmus & Pujol Tarrés, 2015), sendo fundamental justificar teoricamente a experiência relatada, indicar quando, onde, como e quem participou e descrever com detalhe a vivência para que possa inspirar outros profissionais da mesma área. Também destacamos que esse tipo de texto não requer aprovação do comitê de ética em pesquisa (Casarin & Porto 2021).

No tocante a prática extensionista destacamos as intervenções relatadas foram desenvolvidas durante um projeto de extensão em Psicologia Escolar/Educacional da Universidade Estadual da Paraíba, constituído por graduandos em Psicologia supervisionados por uma professora doutora do Departamento de Psicologia da citada universidade.

Nomeadas de “Repensando o Bullying”, as ações aconteceram no período de 2015 a 2016 em uma escola municipal de Campina Grande-PB e teve como público-alvo alunos de duas turmas do 4º ano do ensino fundamental, contando com a participação de 31 estudantes ao total, com faixa-etária entre 7 e 12 anos.

Anteriormente à realização das ações foi realizada visita à escola com o objetivo de informar à equipe gestora e ao professor da turma sobre a data e o horário que a ação seria desenvolvida, para que pudessem se organizar e avisar as turmas participantes, considerando em visita também prévia, o contrato de parceria com a escola para execução das atividades. As intervenções ocorreram quinzenalmente, com duração de aproximadamente uma hora.

Para alcançarem efetividade, os programas de prevenção e combate ao bullying devem ter como base estratégias continuadas, multifocais e atrativas, as quais estejam contextualizadas às realidades do público-alvo. Nesse interim, as metodologias lúdicas revelam-se apropriadas para lidar com esse público, por possuírem uma linguagem acessível, criativa e dinâmica, que estimula e desperta a atenção, o interesse e a motivação dos envolvidos nessas atividades (Silva & Silva, 2021).

Desse modo, as ações no projeto relatado também foram realizadas a partir da utilização de recursos lúdicos, buscando a atenção e o interesse dos discentes, tais como: jogo da força; palavras cruzadas; diagrama; caça-palavras; clipes musicais; vídeos; montagem de painel; rodas de conversa; contação e produção de histórias; figuras; e técnicas de dinâmica

grupal. Que de alguma maneira, todos eles informavam, conscientizavam ou orientavam os participantes sobre o bullying (tipos, envolvidos, consequências, malefícios etc.) e foram adequados à faixa-etária dos alunos de cada turma.

3. Referencial Teórico

A violência no contexto escolar configura-se como sendo uma problemática que provoca graves consequências sociais (Guzzo, 2001) e com repercussões em diferentes domínios, inclusive no âmbito da saúde dos indivíduos, se configurando como um problema de saúde pública (Hultin et al., 2021).

Os casos de violência escolar são fenômenos heterogêneos, e por isso, tornam-se difíceis de delimitar e de ordenar e que expressa, de diferentes formas (Abramovay, 2002; Boneti & Priotto, 2009). No entanto, Priotto e Boneti (2009) consideram a violência escolar como qualquer ação de violência, comportamento agressivo e antissocial, abrangendo conflitos interpessoais, danos ao patrimônio, atos criminosos, marginalizações, discriminações, perpetuados por, e entre discentes, professores, gestores, equipe pedagógica, familiares e pessoas estranhas à escola, no domínio da escola.

Por sua vez, Charlot (2002) aponta a necessidade de efetuarmos uma distinção conceitual deste fenômeno, entre violência à escola, violência da escola e violência na escola. Para este teórico, a violência na escola se produz e reproduz no espaço escolar. Quanto a violência à escola, esta seria uma violência contra à escola, como por exemplo, temos situações de vandalismo. Por outro lado, a violência da escola é uma violência institucional, simbólica, exercida através da maneira como a instituição e seus agentes os tratam.

No tocante a violência escolar, o bullying tem despertado a atenção de pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento e ganhado notoriedade nos holofotes da mídia (Andrade, 2014), considerando suas repercussões negativas no desenvolvimento, na saúde e no processo ensino aprendizagem de crianças e adolescentes (Zequinão et al., 2020), esse aparece conforme Hultin et al. (2021), como um emergente problema de saúde pública.

O termo “bullying” é originário da palavra inglesa “*bully*” que significa “tirano” ou “valentão”. Na tradução da língua portuguesa não é conhecido um termo que envolva toda a complexidade do conceito científico do fenômeno. Por isso, o termo faz referência a comportamentos de intimidação, tiranização, isolamento, agressão, ameaças e insultos direcionados a um indivíduo ou grupo (Cano-Echeverri & Vargas-Gonzalez, 2018).

Pioneiramente, Olweus (1999) caracterizou o bullying como sendo definido por um conjunto de agressões intencionais e repetitivas, regulares ao longo de um tempo, praticado por um indivíduo ou por um conjunto destes, ocasionando repercussões físicas ou emocionais, que ocorre sobre uma relação assimétrica de poder. Posteriormente Martínez (2006) se referiu ao bullying escolar como sendo à intimidação e o maltrato entre crianças escolares de maneira repetida e frequente, distante dos olhares dos adultos, com o objetivo de humilhar e submeter abusivamente uma vítima indefesa. Por conseguinte, Neto (2005) define o bullying, como um conjunto de comportamentos agressivos, físicos ou psicológicos, que acontecem entre alunos sem uma motivação manifesta e de forma repetida.

Desse modo, é recorrente na literatura especializada sobre o tema, definir ele como sendo o conjunto de atos intencionais e repetitivos de agressão – de diferentes formas – protagonizados por um (ou mais) aluno (s) contra outro (s), sem nenhuma razão aparente, em uma relação interpessoal marcada pelo desequilíbrio de poder (Lopes Neto, 2005; Freire & Aires, 2012; Malta et al., 2014; Santos & Kienen, 2014; Sampaio et al., 2015).

Por ser um fenômeno relacional, complexo, multifacetado e contextual, e que costuma se apresentar nas relações cotidianas de crianças e adolescentes no ambiente escolar, é, normalmente, visto pelo docente como um comportamento ou fase “normal” do desenvolvimento, impedindo a sua real detecção e combate naquele ambiente. Sendo uma problema entre

pares – e que ocorre na escolar – chamamos de bullying escolar esses comportamentos agressivos e repetitivos entre pares dentro da escola (De Albuquerque & 2022).

Sobre os seus aspectos objetivos, Trautmann (2008) destaca que geralmente os comportamentos de bullying acontecem com recorrência no pátio da escola, devido, este ser um espaço sem a vigilância e supervisão direta de um adulto. No entanto, destaca o mesmo autor, que o bullying também pode acontecer na sala de aula com ou sem a presença do professor. Conforme as ações praticadas pelo agressor, o bullying pode ser classificado em oito tipos diferentes, são eles: 1) verbal, 2) moral, 3) sexual, 4) social, 5) psicológico, 6) físico, 7) material, ou 8) virtual (cyberbullying) (Berger, 2007; Brasil, 2015). Quanto ao tipo de agressão estes podem ser divididos em bullying direto (agressões facilmente identificadas), e bullying indireto ou relacional (que envolvem agressões de difícil identificação) (Santos et al, 2015). O bullying físico diz respeito a atos que envolvem socos, chutes, pontapés, empurrões, bem como roubo de lanche ou material. Já o tipo verbal inclui comportamentos em que o indivíduo insulta com palavrões ou atribui apelidos vergonhosos ou humilhantes. O bullying social é que afeta a relação social e a sociabilidade da vítima com seus colegas. O bullying psicológico pode ser caracterizado como o comportamento de perseguir, amedrontar, aterrorizar, manipular, intimidar, dominar e chantagear, provocando na vítima danos emocionais e desequilibrando a saúde mental. O bullying moral, por exemplo, é qualificado como sendo o conjunto de atos em que o um sujeito difama, calunia e dissemina boatos sobre a vida de uma pessoa, conhecido como fofoca. O cyberbullying, tipo eletrônico do bullying, ocorre quando os ataques são feitos através de meios eletrônicas (Berger, 2007; Moraes Bandeira & Hutz, 2012).

Os envolvidos no bullying escolar desempenham diferentes papéis, sendo eles: o de autor/agressor, aquele que comete os atos agressivos intencionalmente contra determinado (s) colega (s); o de vítima, que é repetitivamente agredido e tem dificuldade para se defender; o de vítima/agressor, que sofre o bullying, mas também agride outro (s) aluno (s); e o espectador (testemunha), que assiste de forma passiva ao ataque e não denuncia (Bandeira & Hutz, 2012). Sobre isto, Santos et al., (2015) apud Swearer, et al., (2011), destacam que um mesmo estudante pode transitar entre tais papéis em momentos distintos.

Para Fante e Pedra (2008) os atores do Bullying utilizam habilidades físicas e psicoemocionais com a finalidade de provocar e causar medo e perturbar os indefesos. No geral, segundo estes estudiosos, os atores do bullying são pessoas arrogantes, que utilizam o bullying como estratégia de autopromoção. Estes indivíduos corriqueiramente se envolvem em conflitos e desentendimentos e são sujeitos que possuem grande capacidade de liderança e persuasão, usadas para submeter às vítimas simbolicamente ao seu controle. Entretanto, apresentam rendimento escolar menor, não adaptação as regras escolares e sociais, provocando déficit de aprendizagem e afastamentos pelos estudos.

Quanto ao perfil das vítimas, geralmente são pessoas passivas, submissas ou contidas, que apresentam características como: a) introversão, reserva e timidez, insegurança; b) ansiedade e baixa autoestima; c) depressão d) tem poucos amigos e normalmente apresentam um menor porte físico (Olweus, 2004). Por outro lado, os expectadores constituem o grupo de indivíduos que presenciam e que estão relacionados ao cenário e ao comportamento do bullying. Estes não são atores, nem vítimas, no entanto, sofrem as suas consequências de maneira indireta, por presenciarem as situações de constrangimento vivenciadas pelas vítimas. Sendo expostos a estas situações, eles se utilizam de estratégias de defesa, como: apresentar comportamentos de repúdio, incentivo ou fingir se divertir (Silva, 2008).

O Bullying vem sendo amplamente disseminado nas instituições escolares, causando problemas psicológicos de ordem diversa, tais como: estresse, depressão, baixa-autoestima, baixo rendimento escolar (Silva, 2010; Freire & Aires, 2012), doenças psicossomáticas, transtornos mentais e psicopatologias graves (Silva, 2010).

Silva (2008) destaca como consequência o medo persistente que segundo esse pesquisador bloqueia a agressividade e o bom funcionamento mental, além disso, compromete as funções de raciocínio-lógico, a abstração, causa perda do interesse por si mesmo e pelo aprendizado, compromete a autopercepção, concentração, autoestima e a capacidade de interiorização.

Enquanto reações ao estresse persistem sensações corporais tais como: sudorese e dor de cabeça. Causa ainda, sensação de sufocação, cólicas, náuseas, vômitos, diarreia, ideias de vingança e faculta o desenvolvimento da ideação suicida.

O bullying também acarreta consequências graves na aprendizagem escolar e ao desenvolvimento da inteligência da vítima. Compromete a socialização, tanto na infância, quanto na vida adulta, repercutindo também no contexto profissional das vítimas, como também causa danos aos agressores (Fante & Pedra, 2008), além de outras desordens psiquiátricas que podem culminar no suicídio (Freire & Aires, 2012). Para as testemunhas, estão sujeitas aos mesmos problemas causados nas vítimas, e padrões de comportamento semelhantes aos dos agressores, pois se percebem como vulneráveis às situações sociais, reproduzem o mesmo comportamento, no intuito de se defender (Freire & Aires, 2012).

Deste modo, o bullying é um tipo de violência frequente e cada vez mais próximo da nossa realidade. Posto isto, verifica-se a necessidade de maior exploração, conhecimento, acerca do fenômeno, assim como a criação de estratégias para seu conhecimento, sua erradicação e sua prevenção pela sociedade e agentes escolares inseridos no espaço da escolarização formal, dentre eles o psicólogo escolar.

No tocante a um trabalho de prevenção e enfrentamento da violência escolar, como no caso do bullying, o psicólogo escolar pode auxiliar a instituição a desenvolver espaços e relações mais saudáveis (Freire & Aires, 2012). Assim sendo, a atuação deste profissional deve ser sistêmica, com atenção tanto na intervenção quanto na prevenção, contribuindo para o desenvolvimento cognitivo, humano e social de toda a comunidade escolar (Cassins, 2007), com enfoque psicossocial e realizado a partir de práticas como: diagnóstico e análise e intervenção em nível institucional, planejamento e operacionalização de estratégias promotoras da otimização do processo educativo; contribuição para a coesão da equipe de direção pedagógica e para sua formação técnica; organização de oficinas direcionadas ao desenvolvimento integral dos alunos; contribuição para a caracterização do grupo estudantil com o objetivo de subsidiar o ensino personalizado; realização de pesquisas diversas com o objetivo de aprimorar o processo educativo e facilitação de forma crítica, reflexiva e criativa à implementação das políticas públicas (Vebber, 2013).

Portanto, ao psicólogo escolar/educacional será exigido a *expertise* para análise e compreensão das diversas relações que caracterizam a escola e os seus atores. Deste modo, torna-se essencial que se considerem os indivíduos que dela participam a partir de sua inserção no contexto mais amplo da organização social. A partir do princípio que coloca a escola como uma instituição que reflete uma organização social maior (Freire & Aires, 2012).

Sendo a violência um fenômeno social, mutável e histórico (Abramoway, 2005), esta pode ocorrer de diferentes maneiras, e relacionam-se diretamente ao contexto social, cultural e econômico, bem como com as características dos sujeitos que estão envolvidos e com as relações estabelecidas entre eles. O bullying, um dos tipos de violência que se manifesta no contexto escolar, possui características específicas, conforme foram destacadas no tópico anterior, e deve ser analisado a partir das peculiaridades de cada contexto, considerando a subjetividade dos envolvidos e as características sociais, culturais e econômicas de cada realidade (Freire & Aires, 2012).

Sobre a multicausalidade do mesmo, Martinez (2013) destaca que diversas questões se constituem como fatores de risco para a prevalência do Bullying, desde as relacionadas aos fatores culturais até as de ordem familiares e escolares. As questões culturais envolvem: cultura à violência e ao uso da força, pensamentos homofóbicos, neonazistas, racistas ou misóginos. Em relação às de ordem sociais, estão: violência estrutural, preconceitos, valores (não morais) socialmente aceitos, como o status social, a individualidade, o culto ao corpo. No que diz respeito aos fatores familiares, estes incluem: modelos de educação autoritária, permissiva ou negligente, formas agressivas, falta de diálogo, valores e vínculos estabelecidos. Quanto às causas escolares, encontram-se: tolerância às agressões, valores cultivados, relações de cooperação ou de competição, relações baseadas no respeito mútuo ou unilateral, vínculos de apego, falta de sistemas de apoio e de canais de comunicação, tipos de

normas existentes e a forma como são construídas, tipo de relação estabelecida com as famílias e os demais membros da comunidade educativa (Martinez, 2013).

Além de tais fatores, o funcionamento do grupo, o tipo de dinâmica e de relações que se criam entre os pares tem sido apontado por investigadores como tendo grande relevância para a compreensão dos motivos pelos quais o bullying acontece e se estabelece entre os estudantes (Peets, 2010). E diante da multicausalidade do bullying, apontados pelos autores acima citados, bem como suas repercussões individuais e coletivas, na trajetória acadêmica e na dinâmica social da escola, a forma de atuação crítica em Psicologia escolar mostra-se possivelmente um caminho eficaz na forma de abordar e combater o referido problema e deve partir de um olhar ético e crítico sobre o universo escolar, construído com base na análise e compreensão da dinâmica escolar e nos processos inerentes a estas, além da relação deste fenômeno como a lógica de funcionamento da sociedade e como esta afeta o comportamento, as relações interpessoais e o cotidiano educacional como um todo.

Logo, é necessário investigar e considerar os fatores que levam os discentes a agirem de forma agressiva. Também é necessário, interpretar este tipo de violência escolar de modo a compreender os problemas interpessoais de sociabilidade e macrosociais nestes espaços, partindo da análise das relações existentes entre os indivíduos que estão inseridos nestes espaços (Chiorlin, 2007).

Para isso, é essencial a presença do psicólogo escolar na instituição escolar, pois ele poderá contribuir para o reconhecimento de comportamentos e atitudes que dificultam as relações interpessoais e entravam uma sociabilidade saudável, promotora de conflitos e que provocam o aparecimento de atos de violência e agressividade entre os alunos (Freire & Aires, 2012).

Inserido neste espaço e com liberdade e responsabilidade para exercer o seu papel de modo crítico e sistêmico, esse profissional será capaz de avaliar, analisar, refletir e provocar reflexões a respeito das interações sociais e dos conflitos existentes na dinâmica escolar. Além de desenvolver estratégias de intervenção e prevenção, colaborando para o desenvolvimento de competências e habilidades dos atores educacionais (Freire & Aires, 2012).

Logo, a inserção do profissional de Psicologia no ambiente escolar é primordial não só para estimular o desenvolvimento cognitivo, mas também promover um desenvolvimento emocional e pessoal dos estudantes e da equipe pedagógica, empreendendo ações preventivas com ênfase na cidadania, incentivando a solidariedade, a generosidade, a paz, a tolerância e o respeito às diferenças (Freire & Aires, 2012).

Guzzo (2011) ainda ressalta que o psicólogo escolar deve ter atuação direta no desenvolvimento de fatores resilientes que possam contribuir para o enfrentamento de situações adversas, a partir do incentivo a construção de relações pautadas valores, normas e atitudes positivas, colaborando com a equipe pedagógica e discentes a lidarem com suas emoções, e incentivando a construção de espaços para a expressão de afeto e para a reflexão e melhoria das relações sociais na escola (Freire & Aires, 2012).

Uma atuação do psicólogo escolar frente ao bullying baseada no modelo tradicional, focada somente na dimensão individual dos envolvidos e “do problema”, que desconsidera sua multicausalidade, possivelmente pode contribuir para a sua permanência no espaço escolar onde ocorre. Esta forma de tratamento do bullying torna-se ineficiente, pois é focada na remediação e baseado no modelo de atuação clínico. Portanto, no que concerne à escola, seus profissionais devem estar capacitados a identificar, intervir e prevenir o bullying. Neste contexto, a figura dos gestores escolares – diretores, coordenadores pedagógicos, orientadores educacionais e psicólogos escolares – torna-se fundamental, cabendo a eles preparar todos os demais funcionários da escola a identificar, intervir e prevenir o bullying de forma eficiente (Lourenço & Pereira, 2011; Mascarenhas, 2006).

4. Descrição da Experiência

Após as considerações teóricas até aqui realizadas, são apresentadas a seguir o recorte de duas ações extensionistas que foram desenvolvidas no projeto e que oferecem subsídios para reflexão sobre o objeto de estudo deste artigo. Deste modo, as ações do projeto abarcaram a utilização de diferentes estratégias de ação. Estas possibilitaram ao grupo de extensionistas estruturar um espaço de escuta grupal, de diálogo, de reflexão e de ressignificação de concepções, papéis e posturas sobre o bullying.

Mencionamos inicialmente, como exemplo, uma ação realizada em uma turma do 4º ano, que foi intitulada de “Repensando o Bullying”, e que teve como objetivo identificar as concepções sobre o bullying e oferecer espaço de reflexão e ressignificação sobre tal fenômeno. Esta foi realizada no dia 23 de setembro de 2016 e teve duração de 60 minutos, e contou com a participação de 16 alunos.

Inicialmente, com o intuito de iniciar a intervenção de forma lúdica e despertar o interesse de todos, realizou-se o jogo da forca. Foi pedido para cada aluno dizer uma letra, até que a frase “todos contra o bullying” fosse descoberta. Logo, foi dito aos alunos que aquele momento seria para conversar a respeito do bullying e, em seguida, perguntou-lhes o que era o bullying. A maioria respondeu que era quando uma pessoa apelidava, xingava, ofendia de alguma forma outra pessoa. Alguns falaram que o fenômeno era crime e começaram a compartilhar experiências diversas, que envolviam colegas e familiares. Nesse momento de exposição de suas concepções, os alunos deram exemplos de situações vivenciadas com o bullying (se já sofriram ou viram alguém sofrer) e muitos começaram a apontar algum (uns) colega (s), denunciando-o (os) de praticar bullying. Relataram comportamentos, tais como: tapas, chutes, bater sem motivo, puxar cabelo, empurrões, atirar bolinha de papel, apelidar, exclusão do jogo ou da brincadeira, chamar de macaco, dentre outros. Destacaram que tais situações aconteciam de forma repetitiva e intencional.

Assim, várias crianças expressaram que sofriam bullying por parte de determinado colega. Os extensionistas ouviram atentamente, mas, para evitar conflito entre as crianças, pediram à turma que não denunciassem ninguém, pois aquele momento seria para refletir sobre o papel de cada um diante do bullying, bem como sobre e os malefícios desta problemática e juntos pensarem formas de não mais praticá-lo. Outros também disseram que a professora já havia falado sobre o bullying e feito algumas atividades a respeito. Deste modo, percebeu-se que a turma tinha alguma informação acerca do fenômeno, no entanto, a intervenção do projeto iria auxiliá-los a transformar a informação em conhecimento, de modo a promover a sensibilização e a conscientização. Verificou-se, nos relatos, que as meninas se colocavam mais como vítimas e os meninos eram mais apontados como possíveis agressores. Nesse instante da intervenção, houve muito tumulto na turma, alguns alunos falavam ao mesmo tempo, outros riam e um aluno em específico não prestava atenção em nada que o grupo de extensão dizia. Ficava conversando com o colega ao lado, soltando piada, rindo, brincando e visivelmente fazia questão de não dar atenção ao grupo. Com isso, uma das extensionistas perguntou se ele queria falar algo sobre o tema, ele respondeu que não. Os seus colegas, visivelmente incomodados, diziam que ele “era assim mesmo” e ficavam rindo, com isso, outro extensionista, com o objetivo de fazê-los refletir sobre o que estava acontecendo, questionou-os se havia algo positivo em rir e fazer brincadeiras impróprias com os colegas, e todos responderam que não. Logo, foi-lhes dito que todos os frutos das ações feitas na escola seriam colhidos no futuro, por isso, era importante ser participativo, prestar atenção para aprender mais e refletir sobre a forma como costumam fazer brincadeiras com o colega sem causar conflitos.

Os alunos participaram intensamente do debate, trazendo diversos exemplos de situações vivenciadas principalmente na escola e na sala de aula a respeito do bullying. Um caso que chamou a atenção do grupo de extensão foi o de uma menina que era chamada pela maior parte dos colegas de “baleia assassina”, e que, por isso, acabou saindo da escola. Disseram que essa garota, antes de sair, começou a “xingar” a mãe dos colegas que a agrediam verbalmente, e as crianças pareceram revoltadas com isso. Então, questionou-se a turma se eles sabiam o motivo da colega ter insultado a mãe dos colegas que a

apelidavam e alguns responderam que era porque eles faziam bullying com ela. Ou seja, a maioria dos alunos estavam conscientes de suas práticas e das consequências delas.

Aproveitando-se desse exemplo, a equipe extensionista buscou refletir e reforçar sobre os efeitos negativos que o bullying traz para a vítima e para todos os envolvidos, sobretudo, possibilitou-os analisar que talvez a menina “xingasse” a mãe dos colegas que a maltratavam, por ter ficado muito magoada por ser apelidada. Assim, no decorrer da intervenção, foi falado sobre o quanto o bullying produz sentimentos e emoções ruins nas pessoas, tais como: tristeza, angústia, raiva e medo. Percebeu-se também que os alunos começaram a se envolver cada vez mais com a intervenção e participavam do debate complementando com vários exemplos de bullying na escola e, sobretudo, na sala de aula.

Diante da apatia e indiferença dos alunos a respeito da consequência que o bullying trouxe para a colega que saiu da escola, o grupo extensionista promoveu um momento de reflexão sobre a importância de se respeitar as diferenças. Para isso, fez-se um questionamento sobre se as crianças gostavam de assistir a um filme em preto e branco e a resposta quase unânime foi que não. Então, foi pedido que escolhessem qual filme era mais legal, o preto ou o colorido. Novamente, quase unanimemente, os alunos responderam que era o colorido. Foi-lhes perguntado o porquê, e responderam que era devido às diferentes cores. A partir das respostas dos próprios alunos, o grupo os provocou a uma reflexão sobre o quanto as cores são diferentes umas das outras e, apesar disso, todas possuem beleza que se complementa entre si. Assim sendo, foi falado que o mesmo ocorre com as pessoas, todas também são diferentes, mas cada uma tem sua beleza própria e um jeito de ser que precisa ser respeitado por todos.

A discussão sobre o tema levou um grande período, pois as crianças foram extremamente participativas e não paravam de contar histórias, relatar vivências e compartilhar pontos de vista. Com o objetivo de ajudar as crianças a identificarem as diversas formas do fenômeno ocorrer, bem como saberem as consequências de cada uma, o grupo de extensão passou então para a etapa seguinte da intervenção que consistiu na explicação sobre os principais tipos de bullying. Para tanto, foi exibido um vídeo em que um garoto praticava bullying de três maneiras diferentes (fisicamente, verbalmente e psicologicamente) com colegas da escola. O vídeo foi pausado em algumas cenas para realizar um debate sobre o que estava acontecendo com os personagens. Importante relatar todas as vezes que o personagem que interpretava a vítima de Bullying sofria agressão, ficava tudo roxo ao seu redor e isso chamou a atenção das crianças. Logo, foi explicado para elas que a cor roxa era para demonstrar como o personagem estava se sentindo. Mais uma vez, os alunos foram bastante participativos.

Na última etapa da intervenção, foi exibido um vídeo intitulado “o que fazer se estou sofrendo bullying?” O material abordava, de maneira didática e divertida, assuntos relacionados ao bullying, como seu conceito, suas consequências e o que a vítima deveria fazer para se proteger, o que ajudou a relembrar e fixar o que já havia sido discutido anteriormente. Neste momento, as crianças afirmaram que já tinham procurado a professora e a diretora em situações em que foram xingados ou agredidos, no entanto, os seus relatos pareciam transparecer que estes foram indiferentes ao pedido de ajuda dos alunos. Após a exibição, fez-se uma reflexão geral sobre o bullying, com o agradecimento pela participação de todos e com a entrega de bombom.

Outra intervenção bastante significativa e que será aqui relatada, ocorreu no ano de 2015 e foi com uma turma do 4º ano da mesma escola. O número de participantes contemplados nesta atividade foi de 17 alunos, sendo oito meninos e nove meninas, e, destes, apenas um menino aparentava ter idade superior aos demais alunos.

Após apresentar-se, o grupo realizou o jogo da força para a formação da frase: “Todos contra o bullying”, com o objetivo de fazer os alunos descobrirem qual era a temática que seria discutida naquele momento. Após os estudantes terem descoberto o tema, houve uma sondagem de suas concepções sobre o fenômeno bullying. Nesse momento, alguns alunos começaram a denunciar colegas como praticantes do bullying. O grupo extensionista pediu então que não denunciassem os

colegas, mas refletissem sobre como auxiliar quem sofria o bullying ou como não permitir que o fenômeno continuasse presente na turma. De modo geral, os discentes demonstraram conhecer o fenômeno, citando exemplos de apelidos e agressões.

Na sequência da intervenção, foi exibido o vídeo “o que fazer se estou sofrendo bullying?” Em seguida, foi feita uma breve exposição acerca do conceito de bullying e de seus tipos, bem como sobre o perfil da vítima e do agressor, sempre buscando fazer uma ponte com o conteúdo da animação e promover reflexões a partir da sensibilização dos alunos. Após isso, os alunos foram divididos em três grupos e cada equipe ficou responsável por fazer uma atividade lúdica relacionada ao bullying. Importa dizer que cada grupo contou com o auxílio de um membro da equipe extensionista.

O primeiro grupo foi formado por seis alunos e ficou com a atividade do diagrama. Nessa atividade havia símbolos que deveriam ser substituídos por letras para completar os espaços que estavam faltando para formar frases que relatavam o que fazer para ajudar a combater o bullying. O segundo grupo, composto por 6 alunos, ficou com a atividade das palavras cruzadas, cujo objetivo era completar as lacunas com os nomes dos tipos de bullying (sexual, psicológico, físico, verbal e cyberbullying). As palavras referentes aos tipos de Bullying ficavam, como forma de auxílio, abaixo da cruzadinha, contendo exemplos de cada um. Por sua vez, o terceiro grupo ficou com a atividade de caça-palavras, que tinha o objetivo de fazer os discentes refletirem sobre as consequências do bullying na vida da vítima.

Ao final, todos os grupos apresentaram suas atividades às outras equipes e houve uma reflexão acerca das temáticas. Após isso, foi pedido aos alunos que fizessem uma avaliação da ação interventiva, e alguns falaram que tinha gostado da atividade e que aprenderam que não devem apelidar o colega. Nesse momento, um membro da equipe extensionista ouviu três alunos pedindo desculpas a um colega (que era frequentemente apelidado por quase toda a turma), bem como apertando a mão dele e se comprometendo a não apelidar mais. Ressalta-se, que o extensionista não interveio para não atrapalhar um ato espontâneo. E concluímos que a turma foi participativa e atenciosa e que o objetivo proposto para a intervenção foi alcançado, visto que algumas concepções dos alunos acerca do bullying foram identificadas, bem como permitiu que muitos refletissem tanto sobre a omissão ao fenômeno quanto à prática do bullying, já que um dos alunos pediu desculpas ao outro e prometeu não repetir tal prática.

5. Resultados e Discussão

Apesar de não ser possível identificar com clareza a prevalência do bullying nas turmas que participaram do projeto, há indícios de que esses alunos estavam expostos a possíveis situações de bullying. Foi unânime nas turmas o relato de sujeitos que afirmaram terem sido vítimas e terem testemunhado colegas sendo agredidos de diferentes formas por outros colegas, fatos que aconteciam de forma repetitiva e intencional. Para Pereira (2008) para ser caracterizado como vítima do bullying é necessário que a pessoa tenha sofrido de três a seis agressões no mínimo, em um mesmo período do ano, além dessas agressões serem intencionais e repetitivas.

Quanto ao fato, de alguns discentes também afirmarem ter presenciado casos de bullying, Calbo (2009), postula que os espectadores assistem passivamente às situações de bullying, se calando devido ao medo de denunciar e ser a próxima vítima, o que colabora para a manutenção dos comportamentos agressivos.

Conforme resultados de algumas pesquisas realizadas sobre o assunto, tais como as de Francisco e Libório (2009) e Lemos (2007) conclui-se que um número bastante significativo de alunos está envolvido em casos de bullying, seja de forma direta ou indireta. Ao se refletir sobre as intervenções do projeto de extensão aqui compartilhadas, pode-se dizer que tal ocorrência foi verificada durante a execução do projeto, pois foram relatados grande quantidade de exemplos descritos pelos educandos, sobretudo, de casos praticados de forma direta. Dentre os relatos sobre os mais variados tipos de agressão sistemática, os casos de bullying verbal, seguidos do bullying físico se sobressaíram como a forma mais recorrente, em ambos os sexos, o que converge com dados da literatura de Freire e Aires (2012) e Bandeira e Hutz (2012).

Além disso, revelou-se que tanto meninos quanto meninas experienciam níveis similares de vitimização. Todavia, crianças do sexo masculino foram mais frequentemente apontadas pelos seus colegas como agressores do que as do sexo feminino que se colocaram na situação de vítimas, fato esse verificado nos estudos de Lisboa (2005).

A partir dessa experiência, a sala de aula foi apontada como o local de maior ocorrência de bullying, dados verificados também no estudo de Toro et al. (2010). Posto isto, hipoteticamente, pelo fato destes trazerem exemplos de casos de bullying principalmente na sala de aula, constatou-se que os educadores também estariam presentes durante a ocorrência do fenômeno.

Outro fato que deve ser evidenciado, diz respeito ao papel do professor e da gestão diante do bullying. Nessa escola, possivelmente havia uma atitude de silenciamento quanto às denúncias que os alunos afirmavam fazer quando diante de situações de bullying. Esta temática era trabalhada pela escola apenas com ações informativas. Sendo assim, os alunos souberam identificar superficialmente, no entanto, associavam com outros tipos de violência que ocorre entre pares. Ainda em relação aos relatos dos alunos sobre o insucesso nas tentativas de comunicar à professora ou à diretora a ocorrência de casos de bullying, cabe um questionamento: será que os educadores não interviram na situação porque não atribuíram a devida importância à denúncia dos alunos ou porque não sabem lidar com o fenômeno? Mesmo diante de um caso grave de bullying acontecido na escola, o bullying possivelmente pode ser algo menosprezado naquele espaço por razões diversas, inclusive pela falta de conhecimento e/ou de estratégias para lidar com o bullying.

Baseando-se em Sousa et al. (2011) e Ristum et al. (2010), pode-se afirmar que posicionamentos como o descrito acima revelam uma possível tendência a banalização e naturalização do bullying no ambiente escolar, bem como na sociedade em geral, o que dificulta o enfrentamento e a superação desse tipo de violência escolar entre pares, pois ele é associado a brincadeiras comuns de mal gosto entre as crianças, sendo também compreendido como algo próprio das relações entre os pares escolares.

A escola quando nega ou não se posiciona diante de casos graves, a exemplo do caso destacado pelos alunos sobre a aluna que saiu da escola, fato que ficou marcado na memória da turma, corrobora para que casos como este voltem a ocorrer, e isto seria, pois, considerada uma violência da escola para com seu alunado. Assim, especificamente no caso do bullying, como afirma Oliboni (2008), mesmo que de forma indireta, a escola poderia estar contribuindo para a manutenção do mesmo entre os alunos.

A falta de conhecimento por parte dos educadores para lidar com a violência no contexto escolar pode levá-los muitas vezes a atuarem de forma mais coercitiva e punitiva ao invés de buscar o diálogo. Ademais, posturas de negação ou não atribuição do devido tratamento ao problema, expõem a necessidade de um trabalho de intervenção também com professores e toda equipe escolar. Em relação ao caso em questão, a equipe do projeto buscou, mesmo que de forma indireta, alcançar os docentes, porém, por mais que fosse esclarecido aos professores que eles poderiam ficar presentes na sala durante as intervenções e participar da ação proposta, eles optaram por se ausentar da sala. Um estudo de Carreira (2005), mostra que professores e gestores não demonstram conhecimento sobre ações eficazes de combate ao bullying e sobre ações de apoio as vítimas e agressores e que isto dificulta um trabalho eficaz de combate e prevenção ao problema.

A experiência nos revela a presença do bullying também no ensino fundamental. Sobre isto, em relação a escolaridade, pesquisas revelam que o bullying se manifesta principalmente nas relações entre os pares nos anos escolares iniciais (Almeida et al., 2008; Campos, 2008), apresentando uma incidência com o decorrer do aumento da faixa etária das turmas (Sousa et al., 2011).

Como ressaltam Pereira et al. (2011), torna-se importante que os programas de intervenção preventiva incluam não apenas os alunos diretamente envolvidos, mas o conjunto dos diversos protagonistas institucionais, de forma a promover novas

dinâmicas no clima escolar. Os conhecimentos demonstrados pelos alunos sobre o bullying, possivelmente, foram resultados de ações focalizadas, pela escola, somente neste segmento.

No entanto, destacamos a necessidade de um trabalho sistematizado com toda os agentes da escola, que objetivo não somente informatizar, mais possibilitar espaços de desenvolvimento de atitudes de respeito ao outro, de respeito e reconhecimento a diversidade, da empatia grupal, da solidariedade, do respeito mútuo, basilares para relações interpessoais saudáveis. Portanto, constatou-se que o bullying escolar é um problema sério e atinge uma parcela significativa dos alunos. Assim, a provável prevalência dessa prática na escola onde o projeto foi realizado, demonstra a necessidade urgente da ampliação de ações educativas voltadas para a prevenção, conscientização e enfrentamento da intimidação sistemática naquele contexto.

Mesmo sabendo da relevância que campanhas, palestras ou assembleias com professores e pais, por exemplo, têm em relação à disseminação de informação e da sensibilização dos atores escolares frente ao bullying, estes são momentos disparadores de um trabalho que deve ser sistematizado na escola. A experiência revela que ações pontuais, somente com alunos, podem não dar conta de solucionar este problema que é multicausal e envolve não somente vítima e agressor. Reconhecer a existência, a prevalência e a gravidade deste problema são cruciais para o fomento de ações de prevenção e combate ao bullying. Posto isto, dada à ocorrência do bullying, sejam em escolas públicas ou privadas, sejam em turmas do ensino fundamental ou médio, pondera-se que é imprescindível desenvolver ações sobre a prevenção desse fenômeno.

Concordamos com Olwes (1998), quando o autor destaca que a prevenção ao bullying deve ser uma ação frequente no decorrer do trabalho da escola. Além de ser incluída no Projeto Político Pedagógico, há a necessidade de se criar espaços e tempos formais para esse trabalho junto aos alunos, seja para estudo entre professores ou com as famílias, seja por outros canais de comunicação com diferentes membros da comunidade educativa (Frik, 2016).

Um dos desafios frequentemente colocados para os atores educacionais é a identificação do bullying, tendo em vista sua naturalização a partir do seu reconhecimento e apreensão como sendo meras brincadeiras. Uma formação ou capacitação, para equipe pedagógica, informação e momentos de discussão sobre o fenômeno, com pais, podem contribuir para que casos de bullying sejam identificados não somente por professores, no contexto da sala de aula, mais também em outros espaços, como corredores, pátio, refeitório e por outros agentes educacionais.

É de suma importância garantir que os professores disponham de uma formação consistente sobre o tema, de modo que conheçam as competências necessárias para prevenir os conflitos e enfrentá-los quando ocorrerem. Mais especificamente, devem dispor desta formação os integrantes da equipe diretiva dos centros escolares e o pessoal de serviços de inspeção educativa cuja intervenção na resolução de conflitos tem uma particular importância (Frik, 2016).

Na experiência de extensão em questão, não foi possível realizar ações com professores e equipe pedagógica, mesmo tendo sido feitas diversas tentativas por parte do grupo extensionista. Todavia, se reconhece que a falta de um trabalho junto aos professores pode implicar em limitações nas repercussões das ações com o aluno. O alunado pode ter consciência da importância de buscar ajuda, mas pode se conter, tendo em vista o não retorno por parte da instituição escolar.

Além de um trabalho sistematizado com os alunos, é preciso desenvolver ações que facilitem a informação e fomentem a conscientização e sensibilização dos demais membros da comunidade educativa de modo contínuo e planejado, ou seja, um trabalho sistematizado com todos os sujeitos do quadro humano da escola. Conforme é consentido na literatura que o bullying é um fenômeno de grupo (Salmivalli, 1999), as iniciativas de prevenção ao mesmo não devem ser focalizadas somente nos indivíduos implicados diretamente na ação, mas sim, no grupo como um todo. Esta ação deve focar vítimas, agressores, expectadores, professores, gestão, equipe de apoio e a família.

Olweus (1998) já enfatizava que as ações da escola contra o bullying não podem se transformar em espetáculo ou em atividades "febris" de curto prazo que são facilmente substituídas por outras também "febris". A delimitação de um espaço e

tempo formal para o tratamento e combate ao bullying, é respaldado pela Lei nº 13.185/2015, criada com objetivo de prevenir e combater o bullying com o apoio da sociedade, por meio de campanhas de conscientização, de habilitação e formação para docentes, de orientação para as famílias para identificar o problema, de assistência psicológica, social e jurídica, bem como a disseminação de uma cultura de paz, respeito e tolerância (Brasil, 2015).

Tendo em vista a importância de um trabalho sistematizado, é essencial a delimitação de espaços regulares para que esta temática possa ser trabalhada. Esta ação é legitimada pela lei anti-bullying, portanto, conhecer e cumprir a lei de combate ao bullying é algo a ser considerado e necessário. Entretanto, somente informar pode não ser suficiente no combate e prevenção do bullying, é preciso que a informação seja transformada em conhecimento capaz de gerar mudança de posturas. Neste sentido, conforme verificado durante a extensão, alguns alunos possuíam informações com relação ao bullying, porém, tal informação não garantia mudanças de comportamento na turma, pois não havia o conhecimento e a conscientização. Havia informações insuficientes sobre o fenômeno, no entanto, não havia um trabalho de sensibilização, por parte da escola, com relação a gravidade e as consequências dele.

Dentre as estratégias que podem ser usadas nesta tarefa, Frik (2006) destaca algumas mais específicas para informar, conscientizar e sensibilizar, tais como: orientações aos professores em horário de trabalho pedagógico; rodas de conversas; encontros com pais e alunos; inserir no currículo e nas aulas temas como o bullying; realização de campanhas anti-bullying; elaboração de materiais com alunos; promoção de sessões de debates, dentre outros (Frik, 2006).

Martínez (2013) sugere a análise de casos hipotéticos ou reais (relacionados à turma ou que aconteceram na escola), utilizando reportagens, vídeos, filmes ou a literatura, recomenda também a construção de histórias sobre bullying, estratégias que possibilitam a troca/vivência de papéis e, conseqüentemente, contribuem para a tentativa de compreensão e reconhecimento de sentimentos e emoções do outro. Na experiência do grupo de extensão relatada neste artigo, estes recursos se mostraram eficientes, pois os participantes puderam se colocar tanto na situação de vítimas quanto na de agressores e puderam falar sobre a sua experiência com o tema.

Quando estes foram instigados a lembrarem de situações possíveis de bullying, foi quase unânime o interesse dos participantes em trazer experiências pessoais ou de conhecidos. Sobre isto, Tognetta (2003) diz que os sentimentos são tão importantes que precisam ser ditos, representados, seja pelo desenho, pela fala e/ou pela escrita. Tais situações, em que há necessidade de falar de sentimentos, podem oferecer às crianças oportunidades para pensarem sobre si, para resolverem algo que lhes tenha causado uma mágoa, um ressentimento, bem como para se conhecerem.

A reflexão sobre a problemática bullying, quando acontece em um clima de empatia, livre de moralismos ou juízos de valor, se configuram como importantes para que as crianças possam colocar-se no lugar dos personagens e pensar nas diversas possibilidades de resolução dos problemas apresentados. Ao mesmo tempo, ao estarem atentas aos seus estados de ânimo, podem exteriorizar sentimentos como de fato estes experienciam, rompendo com o medo e sem distorcê-los para não os evidências, ou seja, no sentido de autoproteção (Tognetta, 2003).

Ficou evidente no episódio percebido ao final de uma das experiências relatadas neste artigo (referente ao aluno que voluntariamente recorreu ao outro para pedir desculpas por sempre os apelidar), que os recursos e estratégias anteriormente mencionados são salutares na sensibilização e conscientização do bullying. Comportamentos como o do aluno que pediu desculpas possivelmente acontecem após haver um posicionamento de autocritica e autorreflexão por parte daquele que seria o sujeito agressor. No caso aqui relatado, aconteceu após ele ouvir indiretamente da vítima, durante a intervenção, o quanto aquilo era desagradável, e depois de ter sido informado e sensibilizado sobre as consequências do Bullying.

Não menos importante que a formação do docente e o trabalho com os alunos envolvidos direta e indiretamente, se mostram também importantes ações junto à família. É consenso na literatura que a família deve participar das ações escolares de prevenção ao bullying (Frick, 2006). No entanto, assim como a escola, a família tem dificuldades para compreender o

fenômeno e não sabe como intervir, na maioria das vezes. Olweus (1998), já sinalizava para a importância da organização de reuniões, que chamou de círculos de Pais, com o auxílio das associações de pais e de professores, nas quais fosse possível estudar sobre o tema e dar a conhecer as ações realizadas pela escola.

A literatura também evidencia a importância de cada escola criar um sistema que facilite a comunicação de situações de bullying e a busca por ajuda, considerando que muitas crianças (alvos e testemunhas de bullying) têm medo de falar e procurar ajuda ou não sabem como agir (Martínez, 2013). O sentido da denúncia deve ser o da comunicação dos atos para a prestação de ajuda perante a situação e busca de uma solução dela, e não no sentido de identificar apenas para punir os autores das agressões.

6. Considerações Finais

Durante o desenvolvimento das ações interventivas relatadas no presente relato, percebeu-se a rejeição de pares, a falta de identificação com colegas da classe, o desrespeito e, possíveis casos de bullying também no contexto do ensino fundamental. Desse modo, em cada encontro, procurou-se intervir nessas relações, lembrando sempre aos discentes sobre a importância da empatia nos relacionamentos interpessoais, do respeito às diferenças, da coesão, da valorização do outro e do clima emocional grupal saudável.

Reconhecemos que a redução efetiva de manifestações de bullying só podem ocorrer através da continuidade e permanência de ações preventivas ao bullying. E mediante a gravidade da problemática em evidência, ressalta-se à necessidade urgente da ampliação de ações educativas voltadas para a prevenção, conscientização e enfrentamento desse tipo de intimidação sistemática praticada por meio do bullying.

Encerra-se este trabalho com a certeza de que esse fenômeno está presente nas relações entre alunos e, portanto, a sua prevenção e combate deve ser parte intrínseca do cotidiano da escola. Nesse movimento, reconhecemos o trabalho do psicólogo escolar/educacional como basilar no estímulo a promoção de ações de prevenção e combate ao bullying no a partir da facilitação e incentivo ao desenvolvimento de relações harmoniosas pautadas no respeito e valorização da diversidade humana.

Referências

- Abramoavay, M. R., & das Graças, M. (2002). *Violência nas escolas*. Brasília: UNESCO, Instituto Ayrton Sena, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação Ford, CONSED, UNDIME.
- Almeida, K. L., Cavalcante, A., & Silva, J. S. C. (2008). *Importância da identificação precoce da ocorrência do bullying: uma revisão de literatura*. *Rev Pediatr*, 9(1), 8-16.
- Andrade, G. C. (2014). *Bullying e sua prevenção: concepções e práticas de psicólogos escolares*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Juiz de Fora, Juiz de Fora, Brasil.
- Berger, K. S. (2007). *Update on bullying at school: Science forgotten?* *DevelopmentalReview*, 27 (1), 90-126.
- Frick, L. T. (2016). *Estratégias de prevenção e contenção do Bullying nas escolas: as propostas governamentais e de pesquisa no Brasil e na Espanha*. Tese de Doutorado. Universidade Estadual Paulista, São Paulo, Brasil.
- Priotto, E. P., & Boneti, L. W. (2009). *Violência escolar: na escola, da escola e contra a escola*. *Revista Diálogo Educacional*, 9(26), 161-179.
- BRASIL. Lei nº 13.185 de 2015. *Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying)*. Senado Federal, Brasília, 2015.
- Calbo, A. S., de Bastani Busnello, F., Rigoli, M. M., Schaefer, L. S., & Kristensen, C. H. (2009). *Bullying na escola: comportamento agressivo, vitimização e conduta pró-social entre pares*. *Contextos Clínicos*, 2(2), 73-80.
- Casarin, S. T., & Porto, A. R. (2021). *Relato de Experiência e Estudo de Caso: algumas considerações*. *Journal of Nursing and Health*, 11(4).
- Charlot, B. (2002). *A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão*. *Sociologias*, (8), 432-443.
- Chiorlin, M. D. O. (2007). *A influência do bullying no processo de ensino-aprendizagem*. Monografia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.

- De Freitas Mussi, R. F., Flores, F. F., & de Almeida, C. B. (2021). *Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico*. Revista práxis educacional, 17(48), 1-18.
- De Albuquerque, A. P., & Maciel, S. (2022). *Bullying Escolar: Uma Revisão Sistemática da Literatura*. Revista Contexto & Educação, 37(117), 186-198.
- Fante, C., & Pedra, J. A. (2008). *Bullying escolar: perguntas e respostas*. Artmed.
- Freire, A. N., & Aires, J. S. (2012). *A contribuição da psicologia escolar na prevenção e no enfrentamento do Bullying*. Psicologia Escolar e Educacional, (16), 55-60.
- Guzzo, R. S. (2001). *Saúde psicológica, sucesso escolar e eficácia da escola: desafios do novo milênio para a psicologia escolar*. Psicologia escolar e educacional, saúde e qualidade de vida: explorando fronteiras, (1), 25-42.
- Hultin, H., Ferrer-Wreder, L., Engström, K., Andersson, F., & Galanti, M. R. (2021). *The Importance of Pedagogical and Social School Climate to Bullying: A Cross-Sectional Multilevel Study of Swedish Schools*. Journal of school health, 91(2), 111-124.
- Lisboa, C. S. D. M. (2005). *Comportamento agressivo, vitimização e relações de amizade de crianças em idade escolar: fatores de risco e proteção*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.
- Lopes Neto, A. A. (2005). *Bullying: comportamento agressivo entre estudantes*. Jornal de Pediatria, 81(5), 164 -172.
- Malta, D. C., Porto, D. L., Crespo, C. D., Silva, M. M. A., Andrade, S. S. C. D., Mello, F. C. M. D., ... & Silva, M. A. I. (2014). *Bullying em escolares brasileiros: análise da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE 2012)*. Revista brasileira de epidemiologia, 17, 92-105.
- Marinho-Araujo, C. M., & Almeida, S. F. C. D. (2005). *Psicologia escolar: construção e consolidação da identidade profissional*. In Psicologia escolar: construção e consolidação da identidade profissional (pp. 121-121).
- Martínez, J. M. A. (2013). *Herramientas para la evaluación del bullying. Estudios em avaliação educacional*, 24(56), 138-167.
- Meira, M. E. M. (2003). *Construindo uma concepção crítica de psicologia escolar: contribuições da pedagogia histórico-crítica e da psicologia sócio-histórica*. Psicologia escolar: teorias críticas, (14-77).
- Oliboni, S. P. (2008). *O bullying como violência velada: a percepção e a ação dos professores* (Master's thesis).
- Olweus, D. (2004). *Bullying at school: Prevalence estimation, a useful evaluation design, and a new national initiative in Norway*. Association for Child Psychology and Psychiatry Occasional Papers, 23, 5-17.
- Pereira, B.O. (2008). *Para uma escola sem violência – estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças* (2a ed). Lisboa: Dinalivro.
- Pereira, B. O., Costa, P. J. F. D. S., Melim, F., & Farenzena, R. (2011). *Bullying escolar: programas de intervenção preventiva*. In: Maria Lourdes. Gisi & Romilda. Teodora Ens (Orgs.). *Bullying nas escolas: estratégias de intervenção e formação de professores*. Curitiba: Ed. Unijuí.
- Ristum, M. (2010). *Bullying escolar. Impactos da violência na escola: Um diálogo com professores*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação/Editora Fiocruz.
- Salmivalli, C. (1999). *Participant role approach to school bullying: Implications for interventions*. Journal of adolescence, 22(4), 453-459.
- Sampaio, J. M. C., Santos, G. V., Oliveira, W. A. D., Silva, J. L. D., Medeiros, M., & Silva, M. A. I. (2015). *Prevalência de bullying e emoções de estudantes envolvidos*. Texto & Contexto-Enfermagem, 24, 344-352.
- Santos, M. M., & Kienen, N. (2014). *Características do bullying na percepção de alunos e professores de uma escola de ensino fundamental*. Temas em psicologia, 22(1), 161-178.
- Santos, M. M., Perkoski, I. R., & Kienen, N. (2015). *Bullying: atitudes, consequências e medidas preventivas na percepção de professores e alunos do ensino fundamental*. Temas em Psicologia, 23(4), 1017-1033.
- Silva, C. M. L. (2010). *Bullying e depressão no contexto escolar: um estudo psicossociológico*, Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Brasil.
- Silva, J. L. da, Oliveira, W. A. de, Mello, F. C. de M., Prado, R. R. do, Silva, M. A. I., & Malta, D. C. (2019). *Prevalência da prática de bullying referida por estudantes brasileiros: dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar, 2015*. Epidemiologia e Serviços de Saúde, 28(2).
- Silva, M. D., & Silva, A. G. D. (2018). *Professores e Alunos: o engendramento da violência da escola*. Educação & Realidade, 43, 471-494.
- Schöngut Grollmus, N., & Pujol Tarrés, J. (2015). *Relatos metodológicos: difractando experiencias narrativas de investigación*. In Forum Qualitative Sozialforschung/Forum: Qualitative Social Research 16 (2). 24-30.
- Sousa, R.; Pereira, B. & Lourenço, L. (2011). *O bullying, locais e representações dos recreios. Estudo com crianças de uma escola básica de 5º e 6º anos*. In A. Barbosa, L. Lourenço & B. Pereira (Orgs.), *Bullying. Conhecer & intervir* (pp. 33-49). Juiz de Fora, editora UFJF
- Tognetta, L. R. P., & Vinha, T. P. (2010). *Até quando? Bullying na escola que prega a inclusão social*. Educação (UFSM), 35(3), 449-464.
- Toro, G. V. R., Neves, A. S., & Rezende, P. C. M. (2010). *Bullying, o exercício da violência no contexto escolar: reflexões sobre um sintoma social*. Psicologia: teoria e prática, 12(1), 123-137.
- Trautmann, A. (2008). *Maltrato entre pares o " bullying": Una visión actual*. Revista chilena de pediatría, 79(1), 13-20.
- Veber, F. C. (2013). *Psicologia escolar: relato de uma experiência no ensino fundamental*. Psicologia: teoria e prática, 15(1), 194-207.